CONTOS BAJULADORES DE CAIBI

CLODOALDO TURCATO

CONTOS BAJULADORES DE CAIBI

Primeira Edição

Editora do Livre Pensador

Recife, Pernambuco

2012

Titulo Original

Contos bajuladores de Caibi

Primeira Edição

Copyright @ 2012 by Clodoaldo Turcato

Copyright da edição @ 2012

Editora do Livre Pensador

Avenida Presidente Kennedy, 4834

Candeias

54430-030 – Jaboatão dos Guararapes – PE

Telefone (081) 3425.4516/ (081) 8162.4184

www.editoradolivrepensador.com

e-mail: editoradolivrepensador@editoradolivrepensador.com

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Capa: Instituto do Livre Pensador

Ilustração de capa: Clodoaldo Turcato

Índice

Resuminho de minha cidade natal	06
A ficha	19
A garantia	31
A moça da cidade grande	35
Amor que jamais vivi: Angélica	40
Dois dias de frio	49
Noite da bruxa	54
O blefe	62
O caso de Belmira	71
O fantasma da Vovó	76
O gaiteiro voador	94
Pequena história de amor perfeito	99
Pequena vingança	122

Seu Marcelo 140

Tributo tardio 147

Uma partida de futebol 156

Um causo daqueles 163

Meu primeiro beijo 231

Minha primeira vez 237

Meu primeiro desvirginamento 241

No tempo do potreiro 243

Epílogo 252

Resuminho de minha cidade natal

Caibi é uma cidade de aproximadamente dez mil habitantes encrava no meio dos montes do extremo oeste catarinense entre Chapecó e São Miguel do Oeste. É a típica cidade pacata a primeira vista, no entanto basta cruzar o limite de entrada para encontrarmos um cosmo de vida e, deliberadamente, o sinal máximo do que podemos distinguir de menor em uma formação populacional. Caibi talvez seja a cidade mais ignóbil que conheci. Um espaço dividido por todos onde todos sanem tudo e comentam tudo, opinam sobre tudo, interferem tudo e tentam enquadrar a todos dentro de um padrão estabelecido.

Este livro é um reencontro com a cidade onde nasci. Deixei Caibi faz doze anos ou mais, mas parece que fazem trinta. Não sinto falta de ninguém, de nenhuma tradição ou imagem. A cidade é tão boa que quando alguém vai embora não quer mais voltar e prega toda sua pujança por onde passa a ponto de espantar futuros investidores. Por pena se comenta a rapadura, o chimarrão, o melado de cana-de-açúcar, os figos, o feijão

carioca e... Sim, a guabiroba, uma fruta que nunca mais comi: única saudade.

A colonização de Caibi iniciou-se por volta de 1926, com descendentes de italianos vindos de Guaporé, Rio Grande do Sul. Os aventureiros deixaram suas carroças numa comunidade que pertence ao Município de Palmitos, chamada São Braz, e seguiram a pé pela mata até onde hoje estão as Linhas Santo Antônio e São José. Dois anos depois tornaram para pegar suas carroças mas a encontraram destruídas. Em 1929 chegaram descendentes russo-alemães levados pela Companhia Colonizadora Sul Brasil, liderada por Carlos Culmey. A maioria destes russo-alemães era foragida da Primeira Guerra Mundial e se instalaram onde hoje está a Linha Bagé.

Os primeiros colonizadores que se relacionaram com os russo-alemães estranharam o hábito deste de andarem calçado, costume adquirido nas terras geladas da Sibéria. Ter um calçado era um luxo. A dificuldade inicial era a comercialização do feijão e arroz produzidos nas terras recém desmatadas. Para conseguir farinha de

milho precisavam ir até Linha Três Pinheiros, cerca de trinta quilômetros. O comércio era com Irai, Frederico Westphalen e Palmeira das Missões, cidades vizinhas no Rio Grande do Sul.

O primeiro lampejo de saber chegou com um primo meu chamado Júlio Turcato, que veio pra cidade pra ser sapateiro por volta de 1948. Como era letrado, deu início aos primeiros processos educacionais da cidade. Seu Júlio tinha o hábito salutar de organizar as filas com um punhal na mão: o sujeito que não se colocasse em forma militar era espetado. Caso queixasse de algo em casa levava uma surra por ter desrespeitado o Professor. Então o negócio era manter-se em bom lugar.

Com a chegada de mais gaúchos criaram-se as linhas de Maracujá, Planaltina, Fátima, São Jorge e São Paulo. A localidade inicialmente se chamou São Domingos e pertencia ao então Distrito de Palmitos, vinculado ao Município de Chapecó. Porém adiante de Chapecó outro local tinha o mesmo nome, o que causava transtornos e problemas de toda ordem. Então meu primo (vejam a descendência importante) leu em um destes

almanaques de Biotômico Fontoura que Folhas Verdes em linguagem indígena (nunca soube que bugres seriam) significava Caibi. Logo sugeriu e o nome foi trocado – esse meu primo fora importante.

Em 1955 São Domingos de Caibi foi elevada à categoria de reitorado pelo Bispo de Palmas, Paraná. Naquela época foi iniciada a construção do colégio das irmãs. O colégio foi concluído em 1957, e em 7 de outubro do mesmo ano chegaram as primeiras irmãs Salvatorianas – a ignorância não poderia vir sem a religião. A paróquia em Caibi foi instalada em 12 de dezembro de 1959, e desmembrada de Palmitos. No dia seguinte foi empossado pelo Bispo Diocesano, o Padre Assabido Rhodem. As testemunhas oficiais, por parte de Caibi, foram José Aléssio, Basílio Cola, Luciano Zanella e Egidio Ferronato. Vitório Gallon foi um dos que muito lutaram pela criação da nova paróquia. Todos estes bons de copo e churrasco. Em 1963 houve a fundação do Seminário de Nossa Senhora da Salete e foi realizada a primeira Romaria. Nos dias 10, 11 e 12 de janeiro daquele ano foi realizado o primeiro retiro de moças.

Participaram 52 moças e o pregador foi o padre Assabido Rhodem. Neste ano também foi criada na paróquia a Cruzada Eucarística. As irmãs Salvatorianas adquiriram ao Sr. Antonio Granzotto, o Hospital de Caibi. No primeiro ano como paróquia foram realizados 16 batismos, 9 casamentos, 3.351 confissões e 1.012 comunhões – estes dados são fundamentais para entendermos a burrice local. Em 1961 Caibi recebeu a visita pastoral do Bispo Dom José Thurler. Também neste ano foram comemorados os 35 anos do início da imigração. Houve festa, atos religiosos, muita música e o espocar de foguetes.

Foram vereadores caibienses, Distrito de Palmitos, Artur João Ferronato, Domingos Turcato e Zílio Pietro Biasi. Subprefeitos pelo distrito foi Benjamim Camera Artur João Ferronato, Prospero Turra, Basílio Cola e Pedro Antonio Bigaton. Por volta desta época aconteceu um movimento emancipacionista, realizado por lideranças comunitárias. Entre esses lutadores estava Domingo Mario Turcato, então vereador em Palmitos. Era primeiro secretário do legislativo e